

# A educação para o respeito II

## Como educar em si mesmos a atitude de respeito

---

### [Introdução](#)

[Texto: Como educar em si mesmos a atitude de respeito?](#)

[A. Consciência do verdadeiro sentido da educação](#)

[B. A prática do respeito](#)

[C. O inimigo do respeito](#)

---

## Introdução

*O presente texto corresponde a conferências dadas em 1931 pelo P. José Kententich. Em várias ocasiões, durante esse ano, orientou cursos sobre pedagogia da idade juvenil. A editora Schoenstatt-Verlag publicou em 1972, sob o título *Ethos und Ideal in der Erziehung* (Ethos e ideal na educação), o manuscrito mais completo que se possuía, correspondente ao curso dado a educadores entre 28 e 31 de Maio de 1931. O texto escolhido faz parte 10ª conferência.*

## Texto: Como educar em si mesmos a atitude de respeito?



Portanto, começamos por perguntar: como me educo a mim mesmo no sentido do respeito para com o jovem?

Devemos ampliar imediatamente o horizonte. O que agora lhes vou dar como resposta aplica-se também às pessoas adultas com quem lido. Aplica-se, ainda, e deve aplicar-se, à criança pequena. Darei uma resposta tripla, mas trata-se de um complexo de respostas que têm como fim criar uma atitude interior.

### A. Consciência do verdadeiro sentido da educação

Em primeiro lugar, devo sempre tomar consciência, interiormente, do verdadeiro sentido da educação. Que significa educar? Significa servir desinteressadamente a vida alheia. Esta é a arte das artes: educar, formar e moldar o homem e a alma humana.

Qual é o sentido profundo da educação? Não podemos fazer como Goethe no seu Prometeo e dizer: "Aqui estou e faço homens segundo a minha imagem". De modo algum. Eu não sou a meta da educação. O ideal da educação é este: aqui estou e formo homens segundo a Tua imagem.

Cada vida humana encarna uma ideia de Deus. Deus quer realizar um pensamento seu em cada momento. E a minha tarefa, como educador, consiste em ajudar a descobrir esse pensamento de Deus e empenhar as minhas forças para que esse pensamento de Deus se encarne e realize no tu.

Compreendem o que quero dizer? Quanto mais me compenetrar interiormente do verdadeiro sentido da educação, tanto mais profundo será o meu respeito.

## B. A prática do respeito

Em segundo lugar, com o tempo, a atitude interior de respeito deve expressar-se em atos concretos: num tratamento respeitoso. Devo ter respeito: por cada pessoa; por cada destino humano; por cada originalidade e capacidade da pessoa.

*Em primeiro lugar, um respeito prático e tácito por cada pessoa.* Ainda que esta seja um farrapo humano! Ainda que seja uma pessoa espiritual e fisicamente mais doente do que qualquer outra! Respeito por cada pessoa humana!

*Segundo, respeito por cada destino humano.* Mesmo que tenha à minha frente um destino humano que passa por uma noite escura ou que carrega uma pesada culpa! Respeito por cada destino humano! Eu não sei qual foi o berço dessa pessoa; não sei as taras hereditárias que pesam sobre a pobre criatura.

Se formos sinceros, objetivos e verdadeiros interiormente, pensaremos: o que teria sido de mim se tivesse estado nessa situação, se tivesse tido essa história? Portanto, respeito perante cada destino humano.

*E, em terceiro lugar, também respeito por cada capacidade da pessoa.* A verdadeira maternidade (paternidade) não se coloca a si mesma no centro. Não procura ela própria crescer. Quando a maternidade é verdadeira tudo nela é impulso interior para ajudar a desenvolver as faculdades que Deus pôs no tu, mesmo que mais tarde este a ultrapasse.

Realmente, não há maior satisfação na educação do que poder constatar: aqueles que eu eduquei cresceram e tornaram-se maiores do que eu; tornei-me desnecessário.

Estes ideais não devem ser tomados simplesmente como frases bonitas. Devem ser captados, sim, em todo o seu profundo significado, para que o educador se oriente por eles. Daí também devemos ser muito cuidadosos quando temos de decidir sobre o destino de uma pessoa. Quando, por exemplo, estamos numa comunidade religiosa, não devemos dizer: "Aqui há um buraco, alguém tem que tapá-lo"; "aqui há outra vez outro buraco, que venha outra pessoa e o preencha". Quantas vezes se fazem estas coisas, e depois fala-se de um tratamento pessoal! Quanta infelicidade e quanta tristeza se geram deste modo! Não se deve dizer que "a santa obediência assim o exige". Claro que a santa obediência exige que nós nos disponhamos interiormente a uma tal obediência; mas também exige que o superior seja um homem razoável, que não abuse do seu poder. Se outras pessoas nos entregaram a sua vontade, então temos o santo dever de valorizar todas as faculdades que existem nelas. Por isso, respeito por cada faculdade!

Naturalmente, também devemos aplicar estes pensamentos à relação de uns com os outros! Como é frequente termos de constatar que em círculos católicos não se valoriza suficientemente a originalidade de cada pessoa!

(...) É necessário um cuidado cheio de amor, o qual supõe sempre um grande desprendimento do nosso próprio eu. Não devemos girar em torno de nós mesmos, mas em torno de Deus e do bem daqueles que o Pai Deus nos confiou, ofereceu ou colocou no nosso caminho. Este será um segundo meio para nos educarmos para o respeito.

## C. O inimigo do respeito

Em terceiro lugar, temos de precaver-nos do inimigo mortal do verdadeiro respeito. Sabem qual é? É o molde. Por favor, não introduzam nenhum molde, nenhum "chavão" na educação.

São Tomás, na Idade Média, formulou a seguinte sentença: Os prelados não devem fazer demasiadas leis.

Não queiramos transformar tudo em normas! Não apliquemos o molde! Porque onde reina o molde, morre a originalidade. O molde significa a morte da individualidade e do verdadeiro respeito.

Acaso penso, portanto, que não devemos inscrever no nosso braço uma vigorosa fidelidade à lei? É evidente que onde há uma comunidade, onde simplesmente coexistem homens, devem existir leis. Mas têm que ser poucas leis, para que possam ser postas em prática com uma severidade draconiana. Todo o homem nobre espera isto. O molde é algo inteiramente diferente. O molde significa submeter tudo a uma constante tensão; que é, depois, reforçada com novas leis, tal como sucedia com as normas da tradição no tempo de Cristo. Explicava-se o caráter de uma lei, e esta explicação adquiria por si mesma, o caráter de lei. E este esclarecimento era novamente explicado, e a explicação recebia, novamente, o caráter de lei. E assim se continuava até que se criava um imenso dique de leis e de pequenas leis, de tal modo que mal se podia respirar.